

Práticas educativas extensionistas: Anne Frank e histórias que ensinam valores

RESUMO

Este artigo analisa as experiências pedagógicas da Exposição “Aprendendo com Anne Frank – histórias que ensinam valores” e do Ciclo de atividades: História, Educação e Holocausto no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais e também junto às escolas de Educação Básica que participaram desta atividade. Para tal, são analisados os dias das atividades, os relatos das escolas, assim como o livro lançado que foi desdobramento da ação. Analisa também avaliações registradas dos/as palestrantes, assim como um formulário enviado aos/às participantes para a análise do evento. Os principais referenciais teóricos se sustentam na educação e memória do Holocausto; na análise da relação Memória e História e na compreensão da intolerância nos processos coletivos e históricos. A pesquisa aqui apresentada buscou compreender o impacto da experiência de ser expositor/a no Ciclo e o quanto cada profissional avalia como importante tal discussão para a formação de professores/as e pedagogos/as. Os resultados apontam que alunos/as e professores/as se esmeram na história e no exemplo de Anne Frank, sendo possível afirmar que esta foi uma consistente ação pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto. História. Exposição.

Amanda Tolomelli Brescia

amanda.brescia@uemg.br

<https://orcid.org/0000-0002-1578-1474>

Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Aline Choucair Vaz

aline.vaz@uemg.br

<https://orcid.org/0000-0001-5123-768X>

Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva analisar a organização, realização e avaliação pelos participantes das práticas educativas extensionistas “Exposição Anne Frank – Histórias que ensinam valores” & do “Ciclo de atividades: História, Educação e Holocausto”, que ocorreram na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – FaE/UEMG, de 04 a 14 de novembro de 2019, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Objetiva também pensar a Exposição e o Ciclo de Atividades como sendo um projeto que objetivou aliar ensino, extensão e pesquisa e refletir acerca da formação universitária. Surgiu da necessidade do debate e do ensino sobre o Holocausto na Universidade e também com os professores/as da Educação Básica, tomando como baliza a história de Anne Frank. Essa história serviu de cenário para algo maior: discutir intolerância, História e alteridade no momento atual e o combate aos chamados negacionismos políticos que não dialogam com a Ciência.

A exposição “Aprendendo com Anne Frank – Histórias que ensinam valores”, é uma iniciativa da Casa Anne Frank de Amsterdam (Holanda) e foi realizada em escolas de Belo Horizonte (Minas Gerais / Brasil) e na Faculdade de Educação da UEMG com o apoio do Instituto Plataforma Brasil e do Núcleo Anne Frank – BH, da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Belo Horizonte, do Instituto Histórico Israelita Mineiro e da Federação Israelita de Minas Gerais.

O Núcleo Anne Frank ofereceu a todos os espaços que receberam a exposição: montagem e desmontagem da exposição; livro de registro da presença; apoio de organização do evento de abertura da exposição; maquete do anexo secreto (brinde oferecido pela Anne Frank House); oficina de Chálá (pão judaico); capacitação dos/as estudantes mediadores; palestras opcionais com sobreviventes do Holocausto ou estudantes pesquisadores/as do tema; atividades opcionais: roda de conversa e atividade desenvolvida pelos membros do movimento de jovens judeus/ias *Habonim Dror*/discussão de filmes e livros.

A contrapartida da instituição que recebe a exposição é a disponibilização do espaço para a montagem da exposição; parceria na organização do evento de abertura; oferecer o livro de registro de presença durante a exposição e devolução ao Núcleo Anne Frank ao término da mesma; repassar ao Núcleo Anne Frank registros fotográficos e outros documentos tais como vídeos e relatos para registro do trabalho; autorizar o uso da imagem, quando necessário; apresentar ao Núcleo Anne Frank, os trabalhos desenvolvidos com os/as estudantes a partir da exposição; e, apresentar ao Núcleo Anne Frank, ao fim da exposição, relatório final da experiência com breve histórico sobre a Escola/instituição receptora.

No caso específico da Faculdade de Educação da UEMG, Campus Belo Horizonte, foi recebida a Exposição “Aprendendo com Anne Frank – histórias que ensinam valores” no dia 01 de novembro de 2019 e foi retirada no dia 14 de novembro do mesmo ano. Além da exposição, por ser uma instituição Universitária, foi entendido ser fundamental promover junto dela um Ciclo de Debates e neste caso não foi preciso a capacitação de estudantes mediadores/as por aqueles/as que oferecem a Exposição, sendo que as atividades de formação

ficaram a critério e escolha da equipe organizadora da Universidade com a parceria do Núcleo Anne Frank BH.

No Ciclo de atividades a palestra de abertura contou com a presença de Carlos Reiss, Coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba/PR, para tratar da temática da Educação e Memória do Holocausto. Nesta ocasião também estiveram presentes pessoas e instituições apoiadoras do evento como o Instituto Israelita Mineiro, Núcleo Anne Frank BH, Instituto Plataforma Brasil, Casa Anne Frank de Amsterdã no Brasil, além da Direção da Faculdade de Educação e Reitoria da UEMG. Neste dia, com o Coral *CimShalom* – Coral da Congregação Israelita Mineira, a atividade foi aberta e contou com intérpretes de Libras do Instituto Tertúlias de Libras, incluindo também a presença da comunidade surda no evento. Carlos Reiss, ao apontar os desafios que marcam hoje o debate sobre o Holocausto no mundo, lançou ao final do evento o seu livro “Luz sobre o Caos: Educação e Memória do Holocausto”, editora Imprimatur. Como a capacidade do auditório da FaE/CBH/UEMG não comportava um número expressivo de pessoas, a abertura ocorreu no Auditório da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, que fica localizado próximo a Faculdade de Educação, em Belo Horizonte.

Logo no segundo dia do Ciclo de Debates aconteceu a palestra com a historiadora Ana Ianeles com a temática “Mãe, fale-me de Adolf Hitler!: as mulheres no Terceiro Reich”. A expositora debateu e apresentou o papel de algumas destas mulheres neste regime de apoio e vínculo com Hitler e com o nazismo. Todas essas outras atividades aconteceram na FaE/UEMG, tendo inclusive a Exposição “Aprendendo com Anne Frank – Histórias que ensinam valores” sido instalada no hall de entrada do prédio. Sendo assim, a comunidade acadêmica da Faculdade tinha livre acesso à Exposição, porque se encontrava justamente na entrada e saída das pessoas no prédio. A equipe organizadora também colocou imagens de Anne Frank com perguntas sobre ela nos andares da Unidade. A ideia era fazer com que os/as leitores/as se interessassem em pesquisar sobre a sua vida. Também as AIPs (Atividades de Integração Pedagógica¹) do Curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG se voltaram a discutir tal momento histórico e o Diário de Anne Frank e seu uso para o ensino de História e Literatura para crianças.

No terceiro dia do Ciclo de Debates um dos momentos mais importantes do evento aconteceu: a ida à Universidade das escolas de Educação Básica que tiveram a experiência de receber a Exposição: “Aprendendo com Anne Frank – histórias que ensinam valores”. Essas instituições da cidade de Belo Horizonte trouxeram os relatos da experiência com a Exposição e teve a presença de professores/as e estudantes. Com efeito, foi um dos momentos mais emocionantes deste Ciclo de Debates e de grande aprendizado, intitulado “Mesa-redonda com profissionais das escolas de Belo Horizonte e região metropolitana sobre a experiência com a Exposição Anne Frank: práticas educativas sobre o combate à intolerância”. Participaram as escolas: Escola Municipal Anne Frank; Escola Municipal Professor Amílcar Martins e Escola Municipal Francisca Alves (período manhã); Escola Municipal Imaco; Escola Municipal Israel Pinheiro e Escola Estadual Anita Brina Brandão (período tarde) e Escola Municipal Marlene Pereira Rancante, Escola Municipal Maria de Magalhães Pinto e Colégio

Imaculada Conceição (período noite). Com estudantes do Ensino Superior e da Educação Básica. Apresentações artísticas sobre a vida de Anne Frank foram feitas; também no início de cada atividade. Contadoras de histórias participaram do momento, trazendo o acontecimento para os presentes.

Esse dia fomentou a escrita de um livro relatando estas experiências das escolas que receberam a exposição, sendo composto por textos que foram construídos ao longo do ano de 2020 e foi publicado no ano de 2021. A ideia foi realizar o registro das práticas educativas que envolvem a alteridade e a vida de Anne Frank; como as escolas podem ser disseminadoras de valores de respeito e pluralidade. Falaremos dessa experiência mais adiante.

No dia 08 de novembro de 2019, o evento contou com uma programação de três atividades distintas: Cláudia Regina Carneiro Vital Teixeira que veio apresentar o Pão Judaico – Chalá. Esta atividade visou que os/as participantes conhecessem um pouco mais da cultura judaica. Também contou com o relato de Léon Menache, que é um sobrevivente da Segunda Guerra para tratar do tema “Liberdade, Intolerância e Totalitarismo” e a palestrante Júlia Amaral Amato Moreira com a temática “Crianças de guerra: a memória da geração 1.5”, que é justamente a geração do convidado do dia. Foi perceptível neste dia que, quando as pessoas dizem das experiências que viveram, o público se interliga e apaga a ideia de dúvida sobre aquele acontecimento. Pode-se refletir a partir desta experiência que uma das formas de trazer o Holocausto à tona é justamente dar voz àqueles/as que viveram o horror, para que não mais se repita e para que qualquer dúvida sobre o horror acontecido naquela época seja dirimida entre os(as) expectadores(as).

No dia 09 de novembro de 2019, outro sobrevivente do Holocausto se fez presente, lotando o auditório e trazendo relatos mais específicos do que viveu na época: o Sr. Henry Katina. Com as falas prévias dos professores Daniel Ribeiro de Almeida Chacon e Frederico Soares de Almeida sobre o “Pensar o humano após o Holocausto: entre o horror e a esperança”, o convidado Henry Katina veio logo após levando o público à profunda emoção. Henry Katina nasceu em uma pequena cidade da Transilvânia que era ocupada por húngaros no século XX. Em abril de 1944, logo após a Alemanha ocupar a Hungria, sua família percebeu que devia fugir, mas não conseguiu. Henry Katina passou por vários campos de concentração e traz essas lembranças com vivacidade.

É possível perceber que não é fácil conseguir pessoas que viveram naquela época com lembranças tão intensas como a do Sr. Katina. Reiss (2018) discute a importância das histórias ligadas a esse momento como “Minha história também é legítima: a significância dos testemunhos” (REISS, 2018, p. 69). Segundo o autor, muito do que se discute do Holocausto está centrado no papel de Adolf Hitler e dos chamados algozes nazistas e pouco das pessoas que foram vítimas daquele momento; sendo possível ainda perceber que parte delas desapareceu frente ao horror. É necessário mudar a narrativa da História e dar voz a outros sujeitos e atores sociais, perpetuando as suas memórias.

Na esteira do debate científico sobre o tema, os próximos dois e últimos dias trouxeram a análise da professora Aline Choucair Vaz, intitulada: “O olhar

sobre o outro – cinema e bate-papo – O menino do pijama listrado”. Com o auditório lotado e exibição do filme para posterior debate. O longa traz uma lógica de tentar colocar o alemão no lugar do judeu; isso não aconteceu na vida real, mas proporciona a pensar a relação alteridade e intolerância; da possível “autorização” da eliminação de alguns em prol de outros. Segundo Hérítier (2000):

Na ideologia nazista, os judeus não são sub-homens apenas, mais animais de ‘rebanho’, para retomar uma expressão que foi muito utilizada. Assim, eles são tratados como os heréticos durante as guerras da religião, conforme o Teatro das crueldades, de Richard Verstegan, em que se veem heréticos de pés descalços, sendo ferrados para puxarem carroças, ‘como se faz com os cavalos’. A intenção primeira não é humilhar, mas negar, pura e simplesmente, o status de ser humano ao Outro (HÉRITIER, 2000, p. 25).

A negação do outro, da sua existência, vitalidade e do seu direito são marcas máximas do processo de intolerância. A sua construção é calcada no ódio, por alguém, por sua forma de ser e pensar. Wiesel (2000) aponta:

A intolerância é mais complicada, porque mais sutil. Onde reconhecê-la? Como discerni-la? São muitas as respostas, sem dúvida, mas conheço apenas uma: de uma ideia ou de um movimento que inspirem o ódio [...]. Digamos que a intolerância está situada no início do ódio. Se não a vemos, será tarde demais (WIESEL, 2000, p. 8-9).

Pode-se inferir que o ódio é o propulsor do movimento de intolerância sobre os demais, e a criação do inimigo é realizada por motivação do ódio. Sem o ódio não existe a intolerância. É a sua base. Por isso o ódio pode ser estimulado e ensinado, assim como a antítese dele.

No último dia da programação a professora Rogéria Cristina Alves veio apresentar uma experiência intitulada “Dossiê Holocausto – Memória e formação de educadores”. Essa experiência fez parte do processo de pensar as práticas educativas circunscritas na Universidade sobre a memória e o ensino do Holocausto e difundir meios de pensar a alteridade. A educação é base deste processo, inclusive para se reconhecer o que aconteceu, para aprender com essa experiência e não se repetir. E ainda, porque não pode se repetir.

Resumidamente a programação do Ciclo de atividades encontra-se descrita no Quadro 1 deste texto:

Quadro 1 – Programação do Ciclo de Atividades – História, Educação e Holocausto

Dia e horário	Atividade
05/11/19 – 19h	Palestra com a historiadora Ana Ianeles (UFMG), com o tema “Mãe, fale-me de Adolf Hitler!: as mulheres no Terceiro Reich”
07/11/19 – 9h	Abertura com contação de histórias de Ângela Dutra Rabelo Mesa-redonda com profissionais das escolas de Belo Horizonte e região metropolitana sobre a experiência com a Exposição Anne Frank: práticas educativas sobre o combate à intolerância * Escola Municipal Anne Frank * Escola Municipal Professor Amílcar Martins * Escola Municipal Ana Alves Teixeira * Escola Municipal Francisca Alves (relato virtual)

07/11/19 – 14h	Abertura com contação de histórias de Marly Aparecida Alves Rezende Mesa-redonda com profissionais das escolas de Belo Horizonte e região metropolitana sobre a experiência com a Exposição Anne Frank: práticas educativas sobre o combate à intolerância * Escola Municipal Imaco * Escola Municipal Israel Pinheiro * Escola Estadual Anita Brina Brandão * Escola Municipal Francisca Alves (relato virtual)
07/11/19 – 19h	Abertura com contação de histórias de Marisa Gurjão Pinheiro Mesa-redonda com profissionais das escolas de Belo Horizonte e região metropolitana sobre a experiência com a Exposição Anne Frank: práticas educativas sobre o combate à intolerância * Escola Municipal Marlene Pereira Rancante * Escola Municipal Maria de Magalhães Pinto * Colégio Imaculada Conceição * Escola Municipal Francisca Alves (relato virtual)
08/11/19 – 9h	Bate-papo com: Sra. Cláudia Regina (Pão judaico - Chala) Sr. León Menache (Sobrevivente do Holocausto), com a palestra “Liberdade, Intolerância e Totalitarismo”. Júlia Amaral Amato Moreira (Instituto Histórico Israelita Mineiro e Núcleo Anne Frank de Belo Horizonte) – Crianças de guerra: a memória da geração 1.5
09/11/19 – 9h	Pensar o humano após o Holocausto: entre o horror e a esperança - Prof. Daniel Chacon (FaE/UEMG), Frederico Soares (UFMG/PUCMG) e Henry Katina (Sobrevivente do Holocausto).
11/11/19 – 13h	O olhar sobre o outro – cinema e bate-papo com a prof ^a . Aline Choucair Vaz Filme: O menino do pijama listrado
12/11/19 – 19h	Dossiê Holocausto – Memória e Formação de Educadores Prof ^a Rogéria Cristina Alves

Fonte: elaborado pelas autoras.

A seguir serão mostrados acontecimentos da vida de Anne Frank, a memória e o ensino sobre o Holocausto, à luz do que foi desenvolvido no Ciclo de Atividades realizado na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais.

ANNE FRANK, A MEMÓRIA E O ENSINO SOBRE O HOLOCAUSTO

Anne Frank (1929-1945) foi uma jovem judia que morreu em um campo de extermínio nazista. Durante o tempo que se manteve escondida para não ser pega pelos nazistas juntamente com a sua família, escreveu um diário dos acontecimentos vividos no esconderijo. Mais tarde, seu pai, sobrevivente do Holocausto encontrou os escritos dela e publicou em livro que já foi traduzido em mais de 70 idiomas. Como Anne Frank morreu com 16 anos e o que está escrito no seu diário expressa as questões do medo, do aprisionamento e dos sentimentos próprios também de jovens da sua idade, ela tem um poder de chamar a atenção dos sujeitos escolares; seja porque ela diz em primeira pessoa

o que sentir diante de toda aquela situação, seja porque muitos se projetam nela. Com relação aos seus escritos:

É recorrente nos manuscritos de Anne sentimentos confusos e contrários, hora relacionados à saudade dos tempos passados, hora relacionados às expectativas do seu futuro. Segundo ela, essa inconstância a deixava aflita. Contudo, Anne sempre relatava a esperança de que a guerra acabaria, de que os judeus seriam libertados dos campos de concentração e de que ela se tornaria uma jornalista. Os planos futuros e o desejo de realizar seu projeto no mundo eram constantes e perceptíveis em sua escrita. Tal projeto baseava-se em suas ações, podendo ser mutável e buscando a coerência interna do sujeito. Ela fala que o tempo que foi passado no “anexo secreto” poderia influenciá-los quando eles saíssem e retomassem suas vidas (ROQUE; XENOFONTE; LIMA, 2017, p. 96).

Infelizmente Anne Frank não sobreviveu ao Horror, ela morreu no campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha no ano de 1945 de tifo e inanição. O resgate das suas memórias e a análise sobre elas é uma forma de eternizá-la, de fazer vivê-la pela História, não somente ela, mas todos aqueles/as que se foram pela intolerância. Versões sobre o Diário de Anne Frank em diversas línguas com finalidade educativa, de forma comentada, podem ser encontradas na Internet. O diário foi escrito entre 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944. Esteve “a maior parte no período em que permaneceu confinada nos fundos de um prédio de três andares, em um esconderijo apelidado de anexo secreto, no número 263 da Rua Prinsengracht, em Amsterdã, na Holanda”¹ (BBC). Tendo como pressuposto que com o passar do tempo, as testemunhas do Holocausto morrem, a tendência é o Diário de Anne Frank ter mais importância como registro histórico. O diário tem quatro versões segundo pesquisas² e roda o mundo, sendo uma testemunha viva do que aconteceu naquele momento histórico. O Diário de Anne Frank também atua para pensar o presente, a solidão e o que o ódio é capaz de fazer na atualidade e em vários momentos históricos. Neste sentido, Evaristo³ pontua que:

Em O Diário de Anne Frank, eu lia também a minha solidão de menina negra e pobre, as minhas dúvidas da adolescência, o histórico da identidade massacrada dos povos negros, a memória histórica da colonização e de escravização dos povos africanos, a experiência do sofrimento do racismo. E mais: como para Anne Frank, a leitura e a escrita eram o esteio, a fuga e a permanência, as armas que me permitiam enfrentar o mundo. E como Anne Frank eu pedia outro futuro, que eu nem sabia qual, mas que não poderia ser igual aos dias do presente que eu vivia.

Neste aspecto o Diário de Anne Frank tem enorme potencial para pensar as memórias individuais e coletivas, inclusive dos/as sujeitos que vivem situações parecidas com as dela. A memória sobre o Holocausto para a educação e o ensino tem um sentido muito importante. Para Paixão e Frisso (2016) “A linguagem não foi capaz de transmitir o terror do nazismo. Ela foi modificada para ocultá-lo, transformá-lo em algo irreal. Ao proteger-se com fronteiras que a linguagem não ultrapassa, o totalitarismo se impõe de forma absoluta” (PAIXÃO E FRISSE, 2016, p. 192), isso faz que ainda muitas pessoas não compreendam e neguem que existiu o Holocausto. Em tempos de negacionismo da Ciência, que se atravessa em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil, em decorrência do

crescimento da extrema-direita, o totalitarismo e suas linguagens precisam ser mais conhecidos.

No entanto, é preciso diferenciar a Memória da História. Segundo Nora (1993) “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...] A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. (NORA, 1993, p. 9). Ambas estão sempre em reconstrução, mas falando de lugares distintos. A História precisa da sua base primeira: dos registros das memórias – para se manter sempre viva.

Ao analisar o Ciclo de Atividades ocorrido na Faculdade de Educação e já descrito anteriormente, foram ouvidos os sujeitos que participaram de tal experiência, tanto os/as expositores/as, ou proponentes, quanto o público participante, que foi composto por alunos/as dos cursos de Pedagogia da Faculdade, tanto à distância, quanto o Curso presencial. Tais relatos de como foi viver a experiência da exposição e do ciclo de debates são apresentados a seguir.

EXPERIÊNCIAS DOS/AS EXPOSITORES/AS NO CICLO DE ATIVIDADES: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E HOLOCAUSTO

Buscando compreender o impacto da experiência de ser expositor/a no Ciclo e o quanto cada profissional avaliava como importante tal discussão para a formação de professores/as e pedagogos/as foram questionados/as aos/as palestrantes⁵ do Ciclo de Atividades sobre: Como você avalia a sua experiência no Ciclo de atividades: História, Educação e Holocausto para a formação de professores/as e pedagogos/as? Em linhas gerais, pode-se perceber que a experiência foi importante, enriquecedora e formativa tanto para os/as proponentes, quanto aos/as participantes, como será elencado à frente.

A historiadora Ana Ianeles (UFMG), que proferiu palestra no evento “Mãe, fale-me de Adolf Hitler!: as mulheres no Terceiro Reich”, avalia que

[...] o evento respeitou as atuais concepções sobre o ensino do Holocausto ao focar não no aspecto do terror e morte, mas da vida - buscando refletir sobre este evento como algo transmissível e parte da história humana. Como pesquisadora do nazismo, considero este tipo de evento essencial para a formação de professores/as. O filósofo Theodor Adorno resume esta importância em seu texto "Educação após Auschwitz", ao dizer que a exigência para que estes horrores não se repitam, deve ser a primeira para a educação. Assim, eventos como esse são essenciais para que professores/as aprendam como transmitir o conhecimento sobre o Holocausto de uma forma responsável e, sobretudo, respeitosa, para que isso não seja apreendido pelos/as alunos/as como uma história de horror que deva se evitar falar, mas como parte de nossa memória coletiva e, portanto, de nossa responsabilidade compreender e rememorar.

Percebe-se que foi de suma importância esta perspectiva apontada pela historiadora, de se tratar do horror sob a ótica da vida, da memória viva e na perspectiva de quem viveu e/ou analisou pormenorizadamente tal

acontecimento. Esta abordagem é importantíssima para que isso não se repita, pois trata da emoção juntamente com a razão dos acontecimentos históricos.

A pesquisadora do Instituto Histórico Israelita Mineiro e Núcleo Anne Frank de Belo Horizonte, Júlia Amaral Amato Moreira proferiu a palestra “Crianças de guerra: a memória da geração 1.5” e realizou uma análise do quanto o currículo escolar brasileiro é insuficiente na discussão de questões como o Holocausto, Direitos Humanos, genocídio e intolerância. Elucida que:

[...] O currículo escolar brasileiro não contempla o tema e a graduação em História também não tem dado ferramentas suficientes para a inclusão do Holocausto no ensino formal de forma atenta. Portanto, ações de formação como esta, acionam um debate importantíssimo acerca dos Direitos Humanos, do genocídio e da tolerância, por vezes negligenciado na educação formal no Brasil. Além disso, a discussão desse tema pode ser uma ferramenta importante para os professores terem possibilidade de alcançar outros debates mais delicados para o contexto de vigilância intelectual que estamos vivendo, como o passado doloroso da Ditadura, por exemplo.

O professor Daniel Chacon, que realizou a discussão sobre o “Pensar o humano após o Holocausto: entre o horror e a esperança”, juntamente com o professor Frederico Soares (UFMG/PUCMG) e o sobrevivente do Holocausto Sr. Henry Katina, ressaltou a importância das provocações realizadas no Ciclo e o quanto ainda hoje tais ecos têm sido sentidos em nossa leitura humanista da educação:

O Ciclo de atividades: História, Educação e Holocausto nos proporcionou experiências reflexivas singulares. A rememoração do Holocausto é fonte de interpelação ética e existencial fundamental para a práxis pedagógica. Desse modo, as provocações ali realizadas ecoam ainda hoje em nossa leitura humanista da educação.

A professora Aline Choucair Vaz, que proferiu a palestra “O olhar sobre o outro – cinema e bate-papo” realizando a análise do filme “O menino do pijama listrado” avalia a importância da memória para a ressignificação do presente. Afirma que

[...] Uma educação que não privilegia a memória não tem condições de formar pessoas que possam interpretar a sua própria existência e o mundo em que vive. A temática do Holocausto é pouco vista na formação de professores/as e de pedagogos/as, sendo essencial para trabalhar também temas atuais, infelizmente, presentes em nossa convivência como a intolerância, o antissemitismo e o racismo. A educação pautada na alteridade e nos direitos humanos é essencial para a formação da cidadania. Desse modo, considero o Ciclo de atividades: História, Educação e Holocausto de suma importância para a formação do profissional da educação.

Já a professora Rogéria Cristina Alves, que trabalhou com o “Dossiê Holocausto – Memória e Formação de Educadores” relata que esta foi uma experiência memorável e que trouxe além da discussão do Holocausto em si, uma discussão de uma metodologia de ensino que pode ser utilizada desde com crianças pequenas, até com adultos/as, como a professora realizou:

[...] Ministrei a formação Dossiê Holocausto: Memória e Formação de Educadores, em que abordamos o compromisso dos/as educadores/as com

a História pública e com a memória coletiva. A abordagem foi construída a partir da metodologia desenvolvida pelo Grupo de Educação Histórica da Universidade de Stanford (EUA, Califórnia). Os nossos objetivos de colocar os/as participantes em contato com fontes históricas primárias e também de apresentar materiais educacionais sobre a temática foram alcançados com sucesso e recebidos de forma entusiasmada pelos/as participantes. Tenho certeza de que nossos/as estudantes de graduação, que participaram desta iniciativa, tornaram-se ainda mais conscientes sobre a necessidade de abordar educacionalmente a temática e o farão com responsabilidade e sensibilidade.

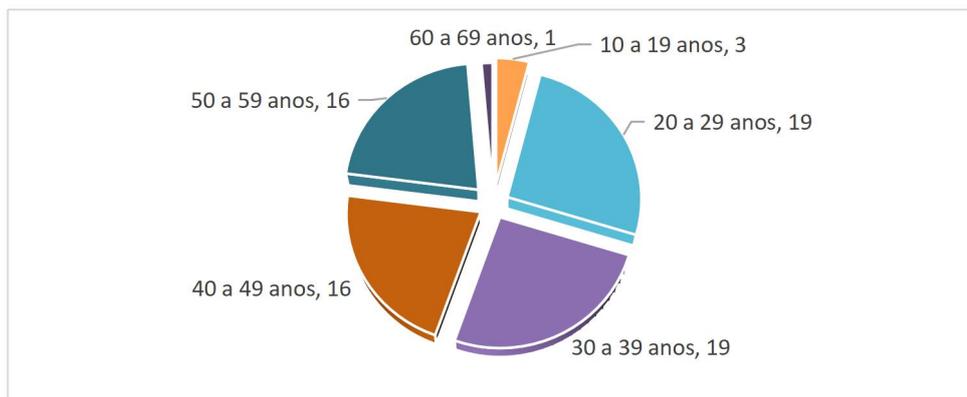
Observar a percepção do outro, quando se realiza um evento do porte que foi o Ciclo de Atividades é fundamental, para que se possa aprimorar os próximos eventos, mas também para se sentir as lacunas que a formação de nossos/as estudantes, futuros e futuras professoras têm desde sua Educação Básica e que precisa ser sanada durante sua graduação. Na sequência são analisadas as avaliações respondidas por participantes do Ciclo, no momento em que eles/as analisam as atividades que participaram, bem como a organização, divulgação, programação e relevância social do evento.

ANÁLISE DO PÚBLICO PARTICIPANTE – A POTENCIALIDADE DA ATIVIDADE PARA O ENSINO DO HOLOCAUSTO

As respostas aqui analisadas foram obtidas a partir do envio de um formulário de pesquisa de eventos criado no Google Forms e encaminhado a todos/as os/as participantes que estiveram no Ciclo de Atividades. Os questionários foram enviados por e-mail para todas as pessoas que participaram de, no mínimo, uma das atividades, sendo obtidas 74 respostas.

Iniciando-se pela caracterização do público participante, constata-se que dos 74 respondentes, 67 eram discentes e docentes da Faculdade de Educação, tanto do Curso de Pedagogia presencial (53 respondentes), quanto do curso de Pedagogia à distância (14 respondentes). Quanto à faixa etária dos participantes, verificou-se que a faixa preponderante estava entre 20 e 39 anos, mas seguida de perto pelas pessoas de 40 a 59 anos, faixas etárias estas que compõem a maioria dos discentes da instituição, conforme indicado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Quanto à faixa etária dos/as participantes

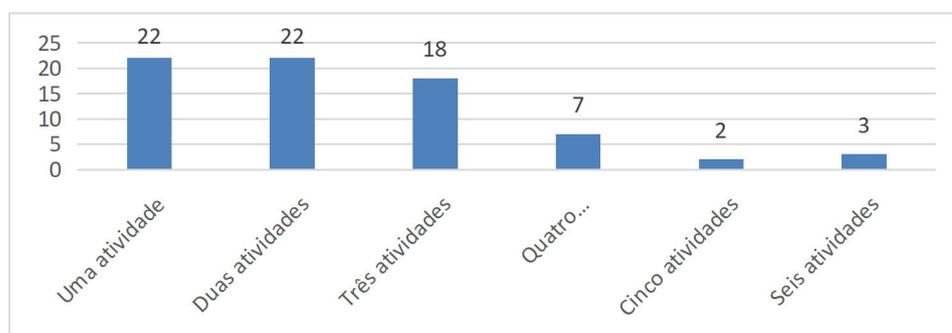


Fonte: Dados da Pesquisa.

Percebe-se que todo o esforço empreendido pela equipe de organização interna da faculdade em realizar a divulgação do Ciclo surtiu efeito, pois entre os 74 respondentes, 71 informaram que ficaram sabendo do evento por colegas e/ou professores da Faculdade, por cartazes, redes sociais (Instagram e Facebook) e/ou por e-mail (divulgação essa feita maciçamente pelas organizadoras).

Percebe-se que a participação dos/as discentes foi baixa à moderada em quantidade de atividades, sendo que a maioria dos respondentes participou de uma ou duas atividades apenas, conforme descrito no Gráfico 2:

Gráfico 2: Quanto à quantidade de atividades que participou



Fonte: Dados da Pesquisa.

Importante ressaltar que nesta amostra dos/as respondentes não se obteve a resposta de todos/as os/as participantes do Ciclo de Atividades, sendo emitidos muito mais certificados de participação do que respostas na pesquisa de avaliação do evento, porém percebeu-se a necessidade, por meio de algumas falas dos/as participantes, de se realizar mais discussões sobre questões tão atuais e tão pouco conhecidas, bem como promover tais eventos em espaços maiores que o auditório da Faculdade de Educação, que na época encontrava-se com capacidade de 70 pessoas.

Quanto à avaliação dos/as participantes sobre a relevância social do evento percebe-se que a avaliação foi predominantemente positiva, sendo Excelente e Boa as respostas mais encontradas, como demonstrado no Gráfico 3, e percebendo também por meio dos comentários que a temática, bem como a organização também foram vistas da mesma forma:

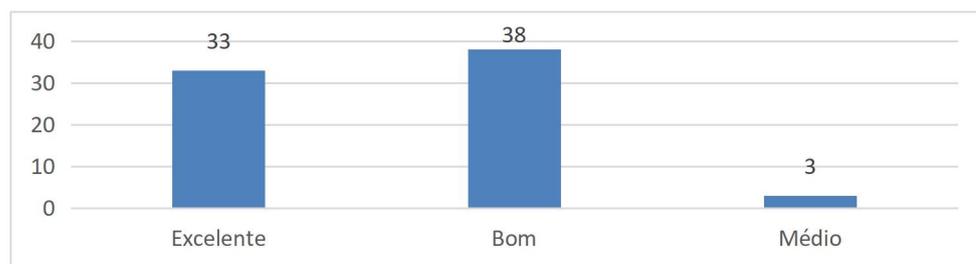
Respondente 1: Todos que foram levados ao evento para explicar sobre foi muito interessante. Continuem com a mesma linha de trabalho. Parabéns!

Respondente 2: Gostei da organização, da divulgação, da realização e, principalmente, do tema abordado.

Respondente 3: Apoio essa visão humanitária que a UEMG traz para a formação dos discentes.

Respondente 4: Um evento dessa grandeza é de grande relevância para quem participa, pois nos possibilita fazer reflexões acerca do assunto bem como conhecer melhor a História.

Gráfico 3: Quanto à avaliação dos/as participantes na organização do evento



Fonte: Dados da Pesquisa.

Quando questionado se indicaria o evento para outra pessoa, todos/as os/as respondentes indicaram que Sim, que indicariam. Percebeu-se, pelos relatos ouvidos e recebidos após a realização do Ciclo de atividades e também pelos registros da avaliação aqui analisadas, que os/as alunos/as são extremamente ávidos/as de discussões históricas que, por muitas vezes, pode-se pensar que foram superadas quando concluído o Ensino Médio, mas que por defasagem neste ensino ou por não terem tido interesse naquela época, não foram aprofundados por futuros professores e futuras professoras que hoje estão sendo formados/as na Universidade. Realizar mais debates com temas tão importantes quanto o Holocausto, faz-se necessário.

LIVRO: APRENDENDO COM A ANNE FRANK – HISTÓRIAS QUE ENSINAM VALORES

Ao culminar todo o trabalho desenvolvido ao longo do Ciclo de atividades e também da itinerância da exposição “Aprendendo com Anne Frank - Histórias que ensinam valores” por escolas do município de Belo Horizonte (MG), a equipe de organização do evento na Faculdade de Educação lançou, em agosto do ano

de 2020, um edital de submissão de capítulos para a composição do livro: “Aprendendo com Anne Frank: Histórias que ensinam valores”. Foram selecionados textos resultantes da experiência com a Exposição, que contribuíram para o avanço do conhecimento sobre o debate da alteridade e dos valores humanos, por meio do exemplo da história de Anne Frank.

O livro foi organizado contendo 10 textos autorais de professores/as, gestores/as e estudantes de instituições que receberam a exposição em sua instituição de ensino, não apenas na cidade de Belo Horizonte, mas em outras cidades também, sendo 20 autores/as que trataram desta experiência à luz da Pedagogia, da Psicologia e de sua experiência pessoal.

O livro foi lançado no dia 12 de julho de 2021, data do aniversário de Anne Frank, composto por capa com pintura de Eduardo Kobra, gentilmente cedida para a obra, 4ª capa com a obra “Anne Frank” do artista plástico mineiro Pedro Miranda e o prefácio de Carlos Reiss (diretor do Museu do Holocausto de Curitiba). O livro pode ser baixado gratuitamente no endereço <https://www.editorafi.org/165annefrank>.

O lançamento do livro ocorreu de maneira virtual com a presença de todos os/as autores/as dos textos, relatando como foi receber a exposição em suas instituições e ainda como foi a escrita do capítulo para o livro e o vídeo com o lançamento da obra pode ser acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=c1UIAacfAM8>.

É importante salientar o livro e a contribuição da atividade para o debate acerca da memória de Anne Frank, a memória de cada estudante e o estudo da História. Segundo Le Goff (1992, p. 475):

Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

Cada estudante que conhecia a memória de Anne Frank também tratava de sua própria, se via como sujeito histórico e ressignificava o papel da História em sua vida. Os documentos, imagens, fotos, o próprio diário de Anne Frank dava humanidade à importância de se estudar o passado. Essa atividade desperta também a relevância de se dar voz aos(às) outros(as) sujeitos da História, que pouco tiveram oportunidade de se mostrar, em virtude de uma narrativa elitista própria de quem tem a força para escrever a História, como acena Le Goff (1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Exposição Anne Frank – Histórias que ensinam valores e o Ciclo de atividades: História, Educação e Holocausto congregaram diferentes atividades de caráter extensionista na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais e tem repercussões positivas entre os/as discentes e docentes que

participaram mesmo depois de muito tempo de sua realização. Os/as participantes se recordam dos momentos de formação vividos e exemplificam situações que utilizarão os conhecimentos adquiridos durante aqueles dias em sua prática profissional educativa.

Na avaliação realizada pelos/as proponentes, palestrantes, nenhum aspecto problemático ou de melhora do evento em si foi identificado, já na avaliação realizada por parte dos/as discentes, algumas questões são apontadas, recorrentes em eventos que acontecem no âmbito da Faculdade de Educação da UEMG, como por exemplo, a dificuldade de alguns estudantes em participar de atividades durante o seu turno de aula e enquanto está trabalhando, em seu contraturno discente.

Percebe-se que, embora a Universidade, nos últimos tempos, tenha recebido tantos ataques e sido menosprezada por tantos dirigentes em nosso país, ela é um espaço que, por excelência, precisa discutir questões dessa magnitude. A Universidade precisa apontar feridas sociais que ainda temos e com isso lutar contra cenários como aqueles vividos no Holocausto para que não se repitam.

Conclui-se que um dos pontos a melhorar para a realização de eventos desta amplitude seja a utilização de espaços físicos maiores ou a utilização de ambientes virtuais, como temos vivenciado com tanta frequência em virtude da pandemia da Covid-19. Outro aspecto importante a ressaltar é a abrangência da divulgação, que poderia e deveria ter ocorrido externamente à Faculdade de Educação, congregando assim outras unidades da Universidade do Estado de Minas Gerais e, quem sabe, outras Universidades e instituições de ensino.

Além disso, e o mais destacado, é o debate sobre a importância das memórias para o processo educativo, seja nas escolas, seja nas Universidades. Neste quesito, o papel extensionista congrega temáticas de importância para serem discutidas além dos muros das escolas e das próprias Universidades, contribuindo para a sociedade e sobretudo para os/as sujeitos.

Extension educational practices: Anne Frank and stories that teach values

ABSTRACT

This article analyzes the pedagogical experience of the Exhibition “Learning with Anne Frank - stories that teach values” and the Cycle of activities: History, Education and Holocaust, which took place at the Faculty of Education of the State University of Minas Gerais and also to get her with Basic Education schools that participated in this activity. To this end, the days of the activities are examined, as well as there ports from schools, as well as the book launched that was a result of the action. Also evaluations were recorded from speakers as well as a form sent to participants for analysis of the event. The main theoretical references are based on education and memory of the Holocaust; in analyzing the relationship between Memory and History and understanding intolerance in collective and historical processes. The research presented here sought to understand the impact of being an exhibitor in the Cycle and how much each professional evaluates such discussion as important for the training of teachers and educators. The results indicate that students and teachers were inspirated in Anne Frank’s story and example, making it possible to affirm that this was a consistent pedagogical action.

KEYWORDS: Holocaust. History. Exposition.

Prácticas educativas de extensión: Anne Frank y las historias que enseñan valores

RESUMEN

Este artículo analiza la experiencia pedagógica de la Exposición “Aprendiendo con Anne Frank: historias que enseñan valores” y del Ciclo de actividades: Historia, Educación y Holocausto en el ámbito de la Facultad de Educación de la Universidad del Estado de Minas Gerais, así como en las escuelas de Educación Básica que participaron en esta actividad. Para eso, se analizan los días de las actividades, los informes de las escuelas, así como el libro lanzado como resultado de la acción. También se registraron evaluaciones de los conferenciantes, así como un formulario enviado a los participantes para el análisis del evento. Los principales referentes teóricos se sustentan en la educación y la memoria del Holocausto, en el análisis de la relación entre memoria e historia, y en la comprensión de la intolerancia en los procesos colectivos e históricos. La investigación presentada aquí buscó comprender el impacto de la experiencia de ser expositor/a en el Ciclo, y en qué medida cada profesional valora la importancia de esta discusión para la formación de profesores y pedagogos. Los resultados señalan que alumnos y profesores se comprometen con la historia y el ejemplo de Anne Frank, lo que permite afirmar que esta fue una acción pedagógica consistente.

PALABRAS CLAVE: Holocausto. Historia. Exposición.

NOTAS

- 1 “A Atividade de Integração Pedagógica (AIP) constitui-se de atividade de integração curricular em sala de aula e objetiva envolver todos os professores da turma. A realização dessa atividade está vinculada à elaboração e ao desenvolvimento dos projetos de ação das Práticas Pedagógicas de Formação (PPF’s) e é, também, oportunidade para a problematização e equacionamento de questões e aspectos relacionados ao desenvolvimento das atividades curriculares, previstas em cada Núcleo Formativo (NF), orientação aos/às alunos/as e apresentação de trabalhos interdisciplinares”. (Trecho retirado do Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG, 2008).
- 2 Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48589570>. Acessado em 11 de julho de 2023.
- 3 Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48589570>. Acessado em 11 de julho de 2023.
- 4 Disponível em: <https://quatrocincom.folha.uol.com.br/br/artigos/literatura-infantojuvenil/relendo-anne-frank>. Acessado em 11 de julho de 2023. número dois do texto.
- 5 Esclarece-se de antemão que não foi feito este questionamento aos/as professores/as das escolas de Educação Básica que participaram do Ciclo.

REFERÊNCIAS

- HÉRITIER, Françoise. O eu, o outro e a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.) **A intolerância**. Foro Internacional sobre a Intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (tradução Eloá Jacobina).
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2 ed. Campinas: EdUNICAMP, 1992.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, dez. 1993. (trad. Yara Aun Houry).
- PAIXÃO, Cristiano; FRISSO, Giovanna Maria. **Usos da memória**: as experiências do Holocausto e da ditadura no Brasil. In: Lua Nova, São Paulo/SP, 191-212, 2016.
- REISS, Carlos. **Luz sobre o caos**: educação e memória do Holocausto. Rio de Janeiro/RJ: Imprimatur, 2018.
- ROQUE, Joaquim Iarley Brito; XENOFONTE, Mariana Rafael; LIMA, Raianne Ferreira. O Diário de Anne Frank: uma compreensão fenomenológica a partir do modo de ser no mundo. In: **Revista Humanidades**. Fortaleza/CE, v. 32, n. 1, p. 94-98, jan./jun. 2017.
- WIESEL, Elie. Prefácio. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.) **A intolerância**. Foro Internacional sobre a Intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (tradução Eloá Jacobina).

Jornais:

BBC News Brasil. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48589570>. Acessado em 11 de julho de 2023.

EVARISTO, Conceição. Relendo Anne Frank. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/artigos/literatura-infantojuvenil/relendo-anne-frank>. Acessado em 11 de julho de 2023.

Documentos:

Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da FaE/CBH/UEMG, 2008.

Recebido: 19 jul. 2023

Aprovado: 24 ago. 2023

DOI: 10.3895/rtr.v8n0.17292

Como Citar: BRESCIA, A. T.; VAZ, A. C. Práticas educativas extensionistas: Anne Frank e histórias que ensinam valores. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e17292, p. 1-18, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Amanda Tolomelli Brescia
amanda.brescia@uemg.br

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

